



COMUNA

COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)
GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA - (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTÓNIO TEIXEIRA

Redactor principal: SERAFIM CARDOSO LUCENA

Administrador: DAMIÃO CASTELO

Redacção e Adm. (Fruiteira)
RUA DO SOL, 11 - PORTO

CORRESPONDÊNCIA:
APARTADO 17

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS

PALAVRAS AMARGAS

Os empregados de comércio do Pôrto, declararam-se em greve pró-aumento de salários. O movimento iniciou-se, liquidou desastrosamente e dêle ficou, um documento que constitue motivo de graves e bem desagradáveis reflexões.

Queremos referir-nos ao manifesto que a classe profusamente distribuiu, pelo burgo, e de que basta destacar as seguintes passagens:

Não o acreditamos nós, porque, vivendo num ambiente especial, em contacto directo com o patrão, obrigados por isso a ser cúmplices dos seus crimes de todos os dias, perfeitamente reconhecemos o subterfúgio empregado e a razão que nos assiste no declararmos que os lucros são fabulosos, estupendos, e dão compensadora margem para um aumento dos nossos honorários.

E se o patronato nos não atender, nós provaremos ao público que infamemente falsifica os medicamentos, onde apodrece o bacalhau roubado a sua miséria, onde, enfim, se combinam as potências infernaes que lentamente cravam as garras aduncas nos corpos esqueléticos dos trabalhadores.

Quer dizer: o caixeirato apenas vê, na hora de transformação social que passa, o ensejo de aplicar ao caso, a moral do famoso sapateiro da anedota que celebrou a pitoresca capital do Minho. Os princípios que orientam a luta de classes, a base essencial da acção sindicalista, no que ela tem de fundamentalmente revolucionária, como fator de correção neste descabro político-económico em que tudo parece abismar-se, as razões de justiça, de equidade e de moral social que devem orientar as classes trabalhadoras, tudo isso parece obliterar-se do espirito duma corporação que procura integrar-se na grande corrente que vai transformar a sociedade burguesa. Sentimos ter de falar esta linguagem a proletários, a trabalhadores, que o capital explora e para quem as nossas simpatias vão mesmo neste momento em que não sabemos calar o que a nossa consciência exige que se diga.

Mas como o nosso jornal não se publica para lisongear as classes e nelas pescar a popularidade fácil que faz a gloriola dos *meneurs* corporativos, preferimos desagradar áqueles que, renitentemente obcecados por um intuito de utilitarismo immediato, se recusam a prestar homenagem à lógica dos princípios basilares da luta operária. E muito convencidos estamos de que, a grande maioria dos empregados de comércio que estas linhas meditar nos dará razão e delas tirará as refletidas ilações que a boca lê e a sinceridade impõem. Para esses escrevemos, para esses apelamos no sentido de se fazerem as correções necessárias na conduta a seguir em futuros movimentos.

Nos trechos transcritos dois aspectos ressaltam evidentes. Num, confessam os caixeiros o conhecimento directo das manobras ladravazes dos comerciantes que veem, dia a dia, aumentadas as suas já avultadas fortunas pessoais. Noutro verificam a immediata e estreita cumplicidade que os une passivamente ao crime dos que falsificam, aviam e envenenam os géneros destinados ao consumidor... consumido por tantos e tam variados tratantes.

Surge do confronto das duas circunstâncias a declaração estranha de só serem encobertos os crimes patronais... mediante pecunia. Cumpridos forçados? Nega-o o manifesto, por tanta terminante pois que a *solidariedade* no delicto manter-se há, occulta e calada, se os patrões se esportularem. E a *responsabilidade* dos caixeiros cessaria, assim, mercantilmente, ficando de pé, como objetivo único e principal do movimento, a sordidez dum pretexto que, em tal caso, nem teria a nobilitá-lo como prerrogativa económica duma classe em luta com o capital, a característica que as contingências da guerra social lhe assinalam.

De propósito grifamos os termos: «solidariedade» e «responsabilidade». De facto nos movimentos de greve, os dois princípios devem sobretudo, dominar o espirito dos trabalhadores. Quanto mais extensiva se tornar a acção dos sindicatos profissionais, no sentido de interessar o grande público consumidor, na vitória final, mais rápido, mais fácil, se obtém o triunfo. E essa extensão só pode ganha-la a greve que maior *solidariedade* imponha ao povo ludibriado e expoliado. O exclusivismo de corporação, o interesse individual, não pode reter-se no beneficio colectivo. Convem, pois alargar o ambito do movimento até ao interesse comum. A *responsabilidade* contem-se nessa atitude de leal, de decidida resistência às sollicitações do capital que pretende estabelecer a continuidade da sua acção nociva e anti-social, escudada na passividade dos explorados, cujos protestos se calam, cuja indignação se amacia, mediante o subdono jesuítico da *melhoria da situação económica*. Sabemos todos nós o que é essa melhoria e o que ela representa no equilibrio da economia capitalista. Recusar-se o apoio solicito às manigâncias do Capitalismo, revelar-se o que é a mecânica intima da especulação, iniciar o consumidor nos mistérios das negociações escuras e rendosas, eis o que é ter a noção da *responsabilidade*.

Ora o manifesto dos empregados de comércio do Pôrto, ao tentar justificar as razões do seu movimento, esqueceu-se lamentavelmente de que a *responsabilidade* e a *solidariedade*, na luta operária, são a expressão essencial da sua base revolucionária e a condição *sine qua* do seu triunfo decisivo.

Maximalismo e Anarquismo

O maximalismo está na moda. A burguesia teme-o. O proletariado aceita-o com entusiasmo.

A maior propaganda maximalista, como sempre, fazem-na aquêles que perseguem e ofendem os maximalistas.

O temor da burguesia dimana principalmente de que o maximalismo não vai, como o anarquismo, até à anulação de toda a autoridade, mas sim à conquista do governo.

A ditadura proletária assusta a burguesia exploradora. O temor da burguesia e do entusiasmo dos operários, não podem, contudo, afastar-nos da realidade e da verdade.

Maximalismo, não é anarquismo, não é liberdade; é subterfugio, socialismo integral.

Mas a falar a verdade, a maioria dos operários e dos burgueses, não sabem claramente o que é maximalismo; do mesmo modo, não sabem o que é anarquia. Esta ignorância, é que explica a confusão lamentável que fazem os amigos e inimigos do progresso social, irmanando dois ideais contraditórios como objectivo de idêntica finalidade: a revolução libertária.

Aclarar um pouco esta questão é o propósito destas linhas.

Que aquêles que as lerem, estudem e comparem as ideias que contem; analisem friamente sem paixão nem preconceito algum, as disposições, regulamentos e princípios do estatuto maximalista e os cotegem com os ideais libertários, pondo as coisas no seu lugar de um modo consciênte.

I

Maximalistas — Declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado.

Anarquistas — Declaração dos direitos do homem.

II

Maximalistas — Constituem-se *soviets* — congressos locais, — de operários, soldados e camponeses.

Todo o poder central e local pertence a estes *soviets*.

Anarquistas — Nenhuma organização, união, associação de homens, pode impôr a sua autoridade à soberania do homem.

A soberania reside no ser, e não no conjunto de seres. Acima da autoridade está a liberdade. Antes do beneficio, está o direito.

III

Maximalistas — O modelo actual de organização maximalista, é a «República Russa dos Soviets» que se funda no principio da soberania dos *soviets* e constitue uma federação de repúblicas nacionais de *soviets*.

Anarquistas — O modelo da organização são os agrupamentos por afinidade. As organizações de utilidade são também voluntárias e existem enquanto as necessidades comuns de seus componentes o determinem. O sistema de organização económica que menos atinge a soberania do homem é o gremialismo comunista. A vida económica fundar-se ha provavelmente nos grêmios, órgãos que realizam funções especificas no meio social.

Entendemos que a vida económica pode desenvolver-se em relação harmonica com o Direito, independentemente da autoridade dos *mais* sobre os *menos* ou vice-versa.

IV

Maximalistas — Estabelecem essencialmente como fim (Capitulo II da Constituição dos *soviets* da República Russa) suprimir toda a exploração do homem pelo homem, abolir definitivamente a divisão da sociedade em classes, suprimir sem piedade todos os exploradores, realizar a organização socialista da sociedade e fazer triunfar o socialismo em todos os países...

Anarquistas — Estabelecem essencialmente a emancipação total do homem, moral, politica e economicamente, e é com tal propósito que lutam e se sacrificam onde quer que se encontrem; não simplesmente contra a exploração do homem pelo homem e contra o governo representado por um ou por muitos, mas também contra o principio da autoridade, base especifica da iniquidade social.

V

Maximalistas — Para realizar a socialização da terra, fica suprimida a sua propriedade privada, todas as terras são consideradas propriedade nacional («República Russa dos Soviets») e são entregues aos trabalhadores, sem nenhuma espécie de indemnizações sobre a base do gozo igual delas por todos. As matas, o sub-solo, as águas, todo o gado e todo o material, assim como as propriedades e empresas agricolas, são consideradas propriedade nacional.

Anarquistas — Entendemos que a propriedade privada da terra não pode existir. A terra, como o ar, a água e a luz, são elementos naturais e essenciais para a vida de todos, e não pode, em direito e em boa justiça, pertencer a um homem ou a muitos homens reunidos, nem é susceptível de ser organizada de modo que signifique a privação dos seus beneficios naturais para um ou muitos seres.

Os beneficios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem ao trabalho e à arte e não à terra. São energia, esforço e intelligência do homem e, por consequência, conferem direito de usufruto geral, pelo menos, em grau relativo.

(Continúa)

JOSÉ T. LORENZO.

DESCALABROS...

Segundo afirmam, num côro unisono, os individuos que conhecem, mais de perto os altos e baixos negócios de Portugal, a situação do país não é nada invejável. De Norte a Sul, há falta de tudo... menos de politica e de políticos, bem entendido. Assim, se os clamores dessas criaturas, espalhadas aos quatro ventos da publicidade pelos órgãos de grande tiragem, não conseguem pôr-nos os cabelos em pé — pelo menos obrigam-nos a reflectir um pouco sobre o imenso descabro que se nota nesta jovem republicazinha, que já possui dentes de leão e garras de pantera.

Analizando, com atenção, as públicas declarações dos individuos que se *propõem* salvar «isto», conclui-se que a situação de Portugal é tam precária, que mais dia menos dia, vê-lo hemos ir parar a uma casa de prêgo. ¿E sabem porquê? Eles o dizem: «As indústrias não estão desenvolvidas, como era mister; as Colónias acham-se votadas a um completo abandono; os serviços públicos, arrastam-se no meio duma verdadeira desorganização; a circulação fiduciária, aumenta de dia para dia; os governos não tem programas em termos, viáveis e consentâneos. Não há carvão, não há lenha, não há azeite, não há arroz, não há batatas, não há bacalhau, não há, enfim, nada daquilo de que mais urgentemente necessitamos.» E como corolário de toda esta constatação, «o parlamento entrem-se a enviar para a Imprensa Nacional, toneladas e toneladas de projectos de lei, que só tem a utilidade de estragar papel, e dar que fazer aos tipógrafos.»

Evidentemente, o lindo quadro traçado por estas criaturas, tem todos os visos de verdadeiro. Mas não será com as suas reflexões de políticos oposicionistas, que o mal se ha-de remediar. Porque, em suma, ¿que pretendem elles? ¿Modificar a estrutura da sociedade? ¿Remodelar profundamente as bases em que ela assenta? ¿Pôr tudo à livre disposição de todos? Não; nada disso. O que esses políticos oposicionistas querem é collocar-se no lugar dos que estão no poleiro, naturalmente para lhes adaptar os processos às suas conveniências pessoais e partidárias...

Ora para um observador atento, o caos em que se debatem as sociedades capitalistas, é o fruto das ambições dos homens que não querem trabalhar. A máquina estatal está, portanto, montada, de forma que garante a máxima extracção do produto do trabalho do proletariado em beneficio duma minoria ociosa e ladravaz.

Os politicos de parlamentos e idênticas alcavalas, são, por consequente, os genuinos representantes dessa classe que medra, como os cogumelos, à sombra do trabalho útil e fecundo da grande massa anónima dos espollados. As suas palavras, às vezes repassadas de finas *ironias*, tem sempre um objectivo a atingir — a captação da simpatia pública pelo escândalo, posto em almoêda. No fundo são iguais aos politicos que lhe *sofrem* os impetos.

E a prova mais frisaute, para não irmos mais longe, é que, desde que se implantou a república em Portugal, quem tem ido para o governo, é para se governar. Fazer a história de todos os ministérios republicanos, lê pôr a nú uma série interminável de arranjinhos e negociatas, cuja vítima, o povo, não tem pago com juros em duplicado.

A situação caótica em que, neste momento, se encontra a *pátria* de Camões, foi-lhe criada exclusivamente pelos partidos politicos e suas respectivas clientelas. Todos os rapinantes de votos, se meterem a mão na consciencia, como sóe dizer-se em calão popular, hão-de tirar qualquer coisa que demonstre a sua culpabilidadezinha no descabro a que o país chegou.

Portanto, se esse descabro provém daqueles que se arrogam o direito de governar os outros, ¿que motivos ponderosos os levarão, agora, a dizer-nos que pretendem concertar esta enbarcação que já mete água por todos os lados?

Não, decididamente, não falam verdade — são hipócritas, são ludibriadores. A solução para a crise, não pertence às esferas do poder — é do dominio exclusivo do povo. Corte ele o mal pela raiz, produzindo e consumindo sem parasitas que o roubem, sem militares que o opríam, sem autoridades que o tiranizem e sem juizes que o julguem, e vereis jugoladas todas as perspectivas sinistras da fome, da miséria, do sofrimento das lágrimas e dores. Numa palavra, estabeleça-se o Comunismo Libertário, e haremos de ver como não mais se hão-de notar anomalias, como a de uns morrerem de fome e outros arrebitarem de indigestão; a de uns terem o supérfluo, e outros não possuírem nada.

¿Mas será para ête fim que os politicos de opposição pretendem encaminhar o povo? Não; podemos dizer-lhe sem receio de contradita. O que eles desejam é apossar-se da faca e do queijo orçamental, para cortarem uma grande fatia.

Porque, politicamente, nunca houve uma facção parlamentar que seguisse caminho diferente; jámais se viu uma única excepção à regra. E a História, aí está a confirmá-lo...

Povo! Abre os olhos e trata, tú próprio, dos teus interesses. A tua felicidade reside em tí, e não naqueles que te lisongeam... para te meter as mãos nas algibeiras.

ALFREDO GUERRA.

Mineiros de S. Pedro da Cova

AO PROLETARIADO!

Como se realize na próxima sexta-feira, dia 18, no tribunal do 1.º distrito o julgamento dos camaradas de S. Pedro da Cova, vítimas do ódio dos monárquicos e reaccionários da Comissão respectiva enviada

LEIDE:

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da organização operária portuguesa

tudo o proletariado a assistir a este julgamento, provando assim a sua inteira solidariedade para com aquêles camaradas.

PELA RÚSSIA

A propósito da nova ofensiva polaca contra a «República dos Soviets» a *Rote Fahne*, de Viena, escreve:

«As afirmativas com que o governo inglês garante a sua irresponsabilidade na nova ofensiva, constituem uma mentira grosseira. Lloyd George envia Comissões à Prússia, recebe representantes dos Soviets, concede passaportes aos delegados do partido operário inglês, que tem desejo de conhecer o estado interno da Rússia... tudo isso para acalmar as massas operárias e desviá-las duma possível acção de protesto e resistência. Durante este intervalo, auxilia os contra-revolucionários, fornece armas, dinheiro e oficiais ao governo polaco e ao chefe de bandidos Petlioura. Lloyd George declarou, várias vezes, que renunciava à politica intervencionista e, mal surge ocasião propícia, recomeça a mesma miserável acção armada contra a Rússia.

A Polónia deve ao estrangeiro 250 milhões. Não pode mecher-se sem o consentimento das Bolsas de Paris e Londres.

Enquanto Nitti, na Itália, defende, perante os seus 150 deputados socialistas o seu programa pacífico, garantindo que só deseja viver em paz com o governo da Rússia soviética, o governo italiano procura clandestinamente, de acordo com os aliados, fornecer armas à Polónia.

Os bancos italianos, ingleses e franceses, estabelecem sucursais na Rússia meridional; agentes de comércio no interior do território e tanks nas fronteiras.

Assim, os bandoleiros mundiais, procuram destruir a Rússia dos Soviets.

Os partidos socialistas de todos os países tem que se empenhar na tarefa urgente de socorrer a Rússia. Do vigor e da unidade da sua acção dependem a tática dos bandidos do imperialismo internacional e as más disposições pacíficas em face da Rússia dos Soviets. No entanto, o partido socialista italiano prepara-se para... as eleições municipais.»

Em prol de A COMUNA

Dum grupo de operários de Messines, amigos de A COMUNA, recebemos há dias uma carta de saudação e incitamento, pela nossa obra, e dizem: «Para que ela se erga com toda a harmonia que desejamos, nós, operários messineses, num rasgo de amor por esse novo baluarte do operariado, enviamos-lhe a importância de 10\$000 escudos, duma *quête* aberta entre alguns operários desta localidade, que aproveitam o ensejo de saudar A COMUNA nas pessoas dos seus redactores, desejando-lhe um brilhante futuro».

—Também o nosso presado camarada de Cabo Verde, José de Matos, nos enviou a importância de 20\$000 escudos a favor de A COMUNA diária, e junto uma carta em que nos saudou calorosamente e faz votos para que o nosso empreendimento se realize breve, pois, como nós, julga também urgente a publicação dum diário. A todos, os nossos agradecimentos.

CENTRO COMUNISTA DO PORTO

No domingo, 20 de junho, às 21 horas, realizar-se há no Teatro Carlos Alberto, um espectáculo, subindo à scena as peças:

TRIUNFO, AMANHÃ OS CRIMINOSOS

O produto deste espectáculo destina-se à remodelação da sede do Centro e aquisição de mobiliário para instalação de aulas de instrução primária e portuguesa.

Os bilhetes acham-se à venda na sede do Centro, na rua Fernandes Tomás, 224; rua de Santo Ildefonso, 282 e na Sapataria Gonçalves & Quintans, à Canela Velha.

A sede do Centro encontra-se aberta todos os dias das 21 às 23 horas.

Aos camaradas encarregados da passagem de bilhetes para o próximo espectáculo

Afim de se regularizar as contas bem como para se satisfazerem encargos contraídos por esta instituição referentes ao espectáculo a realizar no próximo dia 20, no Carlos Alberto, a Comissão Administrativa solicita a todos os camaradas encarregados da passagem de bilhetes a virem à secretaria deste Centro para liquidarem as suas contas.

A sede está aberta, todos os dias, da presente semana, das 21 às 23 horas, para este efeito.

FOLHEANDO A IMPRENSA

COMO FOI RECEBIDA «A COMUNA»

Da *Solidariedade* do Elvas:

«Começou a publicar-se no Porto, em 1 do corrente este brilhante semanário, que se apresenta como órgão do comunismo libertário, seguindo as tradições gloriosas de «A Vida» e de «A Aurora», seus antecessores no combate pela causa dos oprimidos.

Do novo confrade, do que é redactor principal Serafim Cardoso Lucena, um nome bem conhecido nas lutas operárias apresentamos os nossos votos de longa vida e que em breve veja realizados os seus desejos — a publicação diária, que será um facto se o proletariado estiver disposto a auxiliá-lo como é de justiça.»

Agradecemos.

RELEBRANDO

A expressão, tantas vezes repetida, do nunca isto desceu tam baixo! encontra, neste momento, pelo concurso da fatalidade das circunstâncias, a mais tenebrosa, e também, a mais justa das confirmações possíveis. De méra frase, por vezes retórica, ao serviço dum temperamento ou duma paixão política, eis que se volve sinistramente numa verdade implacável.

Como povo, como sociedade, descemos ao mais fundo das humanas abjeções. E o lance em que a vida, como as dos condenados, deixou de ser função, para volver-se em castigo. Viver, assim, é ajuntar, dia a dia, um capítulo de misérias novas aos capítulos das misérias e das vergonhas antigas. Viver é arrastar, como um torçado, a grilheta dum opróbrio que desonra e infama; que avilta e deprime.

E vive-se assim? Vive.

Não há liberdades públicas, não há crédito, não há pudor. A isto, com que, por seguro, se acostumou a moderna alma portuguesa, acresce agora, a circunstância de já não haver pão. Nas alturas, a crápula, a veniaga, o desprezo da justiça; cá em baixo a fome. No poder o pedantismo, a insolência que nos fala por detrás das espinheiras: — no povo a miséria, o desalento, o abandono. E, como comentário de tanto aviltamento, entrecruzando-se no ambiente empestado que se respira, boatos políticos, que parecem anedotas, soluções de crise que provocam o desprezo...

JOSÉ CALDAS.

MOVIMENTO SOCIAL

UNIÃO DOS SINDICATOS OPERARIOS

Mais uma vez, este organismo lembra a todos os sindicatos aderentes para que apresentem as respostas ao questionário incerto na circular n.º 3 da Confederação Geral do Trabalho, por que ha uma necessidade absoluta de urgentemente se concluírem os trabalhos de que a mesma é seu principal elemento.

Que a direcção não descuram este assunto pois que da sua conclusão muito tem a lucrar a organização em geral.

SINDICATO UNICO METALURGICO

A comissão administrativa reuniu a semana passada, dando cumprimento à resolução da Assembleia Geral, socorrendo *A Batalha* com 20\$00. Nomeou uma comissão de três membros para elaborar o programa da sessão inaugural deste sindicato bem como mandar confeccionar a bandeira que será inaugurada no mesmo dia. Resolver convocar o Conselho Técnico e de Melhoramentos para a passada 3.ª feira, afim de lhe ser dada posse.

Tomou resoluções de carácter administrativo e referente à cobrança; tomou as necessárias medidas para a normalisar tanto quanto possível e resolveu realizar brevemente uma sessão de propapanda na secção da Arrabida.

A GRÉVE DOS OPERARIOS CHAPELEIROS

Até à hora de se compôr estas ligeiras notas ainda não está solucionada a gréve destes camaradas, que com uma resistência a toda a prova vem de se sustentar ácerca de 50 dias para arrancar dos industriais uma insignificante parcela monetária para conseguirem resistir um pouco á terrível situação económica creada pelo industrialismo, comércio e finanças sinistra trindade que está prestes a findar, socialmente falando, e que, depois para recreio dos povos emancipados, servirão apenas para expôr num museu de antiguidades... preciosas. Apesar dos pactos d'honra e parece que acompanhados de multas para delinquentes, seguindo o exemplo dos industriais ourives de prata, uma grande parte dos patrões de lojas, em número aproximado de 21 já acedeu ás reclamações dos operários ficando as restantes lojas, umas três, sem pessoal, o qual se encontra trabalhando na oficina sindical, montada no respectivo sindicato. O movimento nas fábricas é geral, não se registando sequer um só amarelo o que muito nobilita esta classe, prova iniludível que a consciência operária se vai tornando cada vez mais firme.

Ao proletariado consciente

Tendo a Associação dos Chapeleiros montada uma oficina sindical grévista para auxilio dos camaradas mais necessitados, oficina esta que toma conta de todos os trabalhos referentes á industria apela para a consciência do proletariado que deve preferir esta oficina a qualquer outra, visto que além de prestarem um belo serviço á causa porque luta a classe, serão melhor servidos, não só em preço como na qualidade.

Que nenhum operário se esqueça dos seus deveres de classe.

EMPREGADOS MENORES DO MUNICIPIO

Está marcada para o dia 13 do corrente a sessão solene comemorativa da reorganização deste baluarte operário para cujo acto, que promete ser brilhante está convidada a organização local a tomar parte.

Ardentemente desejamos que desta vez a classe operária ao serviço da câmara compreenda a valer o verdadeiro significado da organização sindical e que

jamaiz dê mostras de vida exibindo-se com a sua bandeira nas manifestações de carácter politico e patriótico e se integre na luta de classes que é a unica missão a que se destinam organismos desta natureza.

A colaboração oficial do operariado em tais manifestações demora a sua emancipação.

DESCARREGADORES E CARREGADORES DE TERRA E MAR

Comemorando o seu primeiro aniversário realizou no último domingo este florescente sindicato uma brilhante sessão solene á qual concorreu grande número de trabalhadores facto que imprimiu ao acto uma certa imponência.

Representando a União dos Sindicatos Operários presidiu o prestimoso camarada José Ribeiro Dias, tendo como secretários os dedicados camaradas J. S. Fernandes Viana representante do S. U. da Construção Civil bem como José Pereira, da Associação dos Marítimos da Foz do Douro.

Fizeram uso da palavra os camaradas Joaquim Silva, secretário geral da U. S. O. que poz em relêvo o papel da organização operária que deve inocular no espirito dos salarizados o desprezo por tudo quanto diga respeito á politica, sempre pernicioso para o desenvolvimento da mentalidade proletária e interessal-os cada vez mais pela sua organização, á qual está destinado, no presente momento histórico, um papel importantissimo — a integral emancipação da humanidade; — Manuel da Cunha, perseguido do capitalismo brasileiro, faz um eloquente apêlo aos trabalhadores para que sem demora se preparem conscientemente para a grande transformação revolucionária que se avizinha; pois que só com uma boa preparação e as classes oprimidas devidamente organizadas é que se poderá organizar uma sociedade cheia de beleza, baseada na comuna livre; David de Oliveira caustica todos aqueles que ao contrário dos seus deveres como explorados, ainda olham com desdém os seus organismos profissionais, unica organização que após o triunfo da Revolução proletária hão-de tomar conta dos destinos das sociedades; organizando o consumo e a produção bem como a difusão da instrução e conhecimentos scientificos; António de Carvalho, do Sindicato dos Alfaiates, julga ter chegado o momento das classes exploradas se unirem para se concertarem para a batalha final contra o inimigo comum — o capitalismo, visto a organização que ainda impéra sobre nós estar em progressiva decomposição e lamenta que a classe trabalhadora não compreenda ainda o seu dever moral perante as vexatorias perseguições de que tem sido alvo o jornal *A Batalha*. Pois que se tivesse compreendido já ha muito que se teria ensinado os potentados da governança a serem mais respeitadores das leis que fabricam; Antonio L. de Carvalho, delegado dos empregados da Carris, saudá a classe em festa; Manuel P. Braga do P. M. Metalurgico faz largas considerações sobre a solidariedade que deve existir entre todas as classes afirmando que estas entregues ao isolamento são classes sem vida e sem probabilidades de lutar com eficacia, pois que as classes não se bastam a si próprias, e quando todos os trabalhadores e consequentemente todas as industrias estiverem devidamente integradas no Sindicalismo Revolucionário a vitória proletária atingirá o seu objectivo; Luiz F. Laranjeira delegado da Juventude Sindicalista traz ali as saudações sinceras dos jovens organizados para o futuro.

Costa Carvalho salienta o papel das Unões de Sindicatos como centro de toda a actividade operária da localidade, fazendo

Aos nossos leitores

Por doença de um dos nossos tipografos e retirada de outro da nossa officina, somos forçados, bem contra nossa vontade, a publicar o presente número apenas com duas páginas, solução esta que, embora muito nos desgoste, é preferível a ter de suspender a publicação do jornal.

Esperamos que os nossos assinantes e leitores no desculpem a falta que de futuro diligenciaremos evitar.

A boa administração

Segundo declarações do sr. Giolitti, a Itália terá este ano, um deficit de dois milhões e seiscentos mil contos! Este descalabro de finanças, prova, duma forma iniludível, a boa e excelente administração dos governos burgueses... E como quem tem de pagar estes esbanjamentos dos dinheiros públicos hão de ser os operários, o politico-taruto, á laia de charlatão de praça, veio dizer á imprensa que, desta vez, quem arrotará com a maquia indispensável para salvar a critica situação do país... hão de ser os ricos! Já se viu maior descaço, maior desfaçatez? Como se os ricos fizessem algum trabalho útil, eles que só pensam em se aproximar da produção dos trabalhadores...

Estes estocios da sociedade capitalista, sempre tem uma audácia!

largas considerações sobre o valor de tais organismos na sociedade futura.

O camarada Américo Mesquita cantou com muita emoção algumas canções sociais.

Durante a sessão tocou um quarteto que executou vários hinos revolucionários.

JUVENTUDE SINDICALISTA DE GAIA

São convidados todos os camaradas que fazem parte desta agremiação, a reunirem em assembleia geral no dia 14 do corrente pelas 20 horas, na sede á Avenida da República para dar andamento á seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º Creação da Caixa de Solidariedade.
- 2.º Creação do Grupo Dramático.
- 3.º Apresentação de contas do 1.º trimestre.

Pede-se que ninguém falte.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DOS A. CONFITEIROS

Reuniu no domingo passado em sessão extraordinária esta classe para nomear delegados á União Local e ocupar-se da situação d'«A Batalha».

Ficou resolvido adquirir 10 accções daquêle jornal e tornar obrigatório o pagamento da cota de 5 centavos por syndicado e por mês o que já vinha sendo feito voluntariamente pela maioria dos socios, desde o mês de abril.

Sendo apreciada a perseguição que vem sendo feita á Organização Operária tanto em Portugal como em outros países e muito especialmente á sua imprensa, foi aprovada uma moção saudando todos os camaradas que se encontram encarcerados victimas da reacção capitalista internacional, e em vista de serem estereis todos os protestos contra tão tirânica opressão, fazer o máximo de propapanda para que em breve seja um facto a emancipação da Humanidade.

NOTA — Esta colectividade, acha-se instalada provisoriamente na sede dos Manipuladores de Pão, á rua do Bomjardim 133, 1.º para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

A nossa Alegoria

Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnifica alegoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em outro papel.

O seu preço é de \$25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

Socialarias...

A acção dos representantes das Confederações Gerais do Trabalho de França, Itália e Portugal, junto dos ministros plenipotenciários, ou coisa que o valha, de Espanha, — acção orientada no sentido altamente significativo e humanitário de impedir que os governos desse país continuassem a sua obra ignominiosa de seguições e arbitrariedades contra o proletariado organizado que, com os seus grandiosos movimentos de classe, apenas procura melhorar as suas miseráveis condições económicas, — foi habilmente explorada pelos politicantes socialistas, que, para se darem apurados de criaturas importantes e de cotação, fizeram correr a galga de que, se esses organismos, genuinamente operários, se manifestaram tam ruidosamente contra a reacção espanhola, isso se devia ao seu rico *partidinho*, cuja fama nas estranhas é ocioso enumerar.

Esta afirmação não é verdadeira. Para as organizações operárias de França, Itália e Portugal, o partido socialista espanhol representa apenas... um partido politico, como tantos outros. Se intervieram no conflito, foi devido ás amistosas relações internacionais que existem entre os organismos proletários desses países e a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha. É a propósito, traduzimos dum jornal as seguintes declarações de Salvador Seguí, activo militante sindicalista:

«Interessa-me, sobremaneira, rectificar as afirmações que no «El Socialista», faz o sr. Largo Caballero. Diz elle que, graças aos socialistas e ás suas relações internacionais, o proletariado francês, italiano e português auxiliará o proletariado espanhol. É falso. O apoio tomado pelas organizações estrangeiras deve-se ás nossas relações internacionais. Quanto é assim que, quando inferenciamos com esses elementos estrangeiros, eles distram-nos que ficariam satisfeitos se não tivessemos nenhum relação com o partido socialista espanhol nem com a União Geral dos Trabalhados. A resolução que tomaram os operários de França, Itália e Portugal, foi-nos comunicada, a nós, unicamente. Quer dizer: tudo quanto disse o sr. Largo Caballero não passa dum bluff para aparentar importância. É nada mais.»

Mas os socialistas são tam casmurros que, apesar deste desmentido formal, ainda são capazes de continuar a persistir... na sua Coitadinhos... dos inocentes. Tudo lhes serve, para atrair incautos.

«A Aurora»

Novamente pedimos aos assinantes, agentes e vendedores que tenham contas a liquidar com a administração de «A Aurora» a fineza de o fazerem até ao fim do corrente mês, não só para não sofrerem a interrupção da remessa de «A Comuna» como também para não figurarem na lista de devedores que tentamos publicar no momento de encerrar as nossas contas.

A ADMINISTRAÇÃO.